

Prometeo, a Greve Geral e a nostalgia pelo futuro

Rui Peralta · 09.06.2026

CULTURA · POLÍTICA · SOCIEDADE

O que têm em comum (ou de tão diferente) o pacote laboral do Governo e «Prometeo», obra icónica do compositor italiano Luigi Nono? Esta é uma viagem na nostalgia pelo futuro.

Foi a Greve Geral. Foram as reivindicações por melhores salários, melhores condições, menos horas de trabalho, mais vida, menos sobrevivência. É a luta contra um pacote laranja, amorfo e classista, um pacote bafiento, pestilento, do antigamente antigo, dos tempos em que as 8 horas eram possíveis mas distantes.

Nestas coisas há sempre questões interessantes, mesquinhas, é certo, mas reveladoras de uma mentalidade retrógrada, assente na cultura do medo, com preocupações acerca dos trabalhadores que vivem de «roubar os patrões», a cultura do «criador de riqueza», empreendedor, *self made man* (um *selfie*), um tipo que é responsável, que olha por si e pelos seus. O lema do pacote é básico. Tão básico que estava escrito, em letras enormes, nos portões de entrada dos campos nazis de extermínio: «O trabalho liberta» (em alemão, claro).

Produtividade, flexibilidade, bancos de horas, mel para os patrões, fel para os trabalhadores.

Nada de muito diferente dos pantanosos e opressores 48 anos a que o 25 de Abril de '74 quase pôs um fim, mas que persiste no tecido económico, nesse totalitarismo da necessidade criada e recriada, vendida e metida pela cabeça adentro dos trabalhadores. Produtividade, flexibilidade, bancos de horas, mel para os patrões, fel para os trabalhadores, precariedade disfarçada de *outsourcing*, terceirização (do trabalhador, do trabalho, da classe, da pessoa, do indivíduo, do Ser), externalização, exploração... enfim, este pacote laboral, esta «reforma do andar para trás» recordou-me uma obra musical: *Prometeo*, do compositor italiano, de Veneza, Luigi Nono.

Prometeo, Tragedia dell'ascolto, estreada em 1984 (escrita entre 1981 e 1984) é uma obra que desafia o formato tradicional da ópera. Escrita em colaboração com o filósofo Massimo Cacciari, sem enredo linear, sem cenário convencional ou personagens, a obra é alicerçada na arquitetura sonora e na montagem de textos de Ésquilo, Walter Benjamin, Rainer Maria Rilke, Hölderlin e Hesíodo.

A obra nasce num período em que Luigi Nono (comunista militante do PCI) meditava sobre a contradição entre um futuro tacanho e sombrio e as lutas heroicas do passado, uma atitude a que designou de «nostalgia pelo futuro». O objectivo de *Prometeo* não é narrar o mito grego do titã que roubou o fogo,

mas sim utilizar Prometeo como metáfora para o inconformismo e a vontade e desejo de conhecimento. Esta «tragédia da escuta» (assente na audição, na introspecção e na quase ausência de visualidade) questiona certezas e considera a verdade não como absoluta mas sim como um eco infinito de vozes e perspectivas ao longo da História.

É uma peça dividida em várias ilhas ou cantatas. A música depende do posicionamento espacial dos músicos e da *live electronics*. Na estreia da obra, na Igreja de San Lorenzo, em Veneza, o arquiteto Renzo Piano projectou uma estrutura de madeira, Arca, no interior da igreja para explorar a reverberação e a projecção sonora.

Com este pacote laboral, o governo, ao contrário de Luigi Nono, pratica a mais tradicional das formas de nostalgia: a do passado. Quanto à Greve Geral, é um eco infinito de vozes que percorre o espaço e o tempo, resistindo à economia que mata e tentando criar um Bem Estar em Liberdade e Igualdade. Algo que essa nostalgia pelo futuro, a Internacional, aspira a concretizar.